



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
FACULDADE DE LETRAS DALCÍDIO JURANDIR
LICENCIATURA EM LETRAS - HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

MAÍSA BARROS DO LAGO

**O USO DO NARRADOR NÃO CONFIÁVEL PARA A CONSTRUÇÃO DO
SUSPENSE E TERROR NA OBRA “O CORAÇÃO DENUNCIADOR”**

Altamira, PA
2025

MAÍSA BARROS DO LAGO

**O USO DO NARRADOR NÃO CONFIÁVEL PARA A CONSTRUÇÃO DO
SUSPENSE E TERROR NA OBRA “O CORAÇÃO DENUNCIADOR”**

Trabalho de Conclusão de Curso, em formato de artigo, apresentado à Faculdade de Letras Dalcídio Jurandir, do Campus de Altamira, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Augusto Figueiredo.

Altamira, PA
2025

MAÍSA BARROS DO LAGO

**O USO DO NARRADOR NÃO CONFIÁVEL PARA A CONSTRUÇÃO DO
SUSPENSE E TERROR NA OBRA “O CORAÇÃO DENUNCIADOR”**

Trabalho de Conclusão de Curso, em formato de artigo, apresentado à Faculdade de Letras Dalcídio Jurandir, do Campus de Altamira, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras.

Data de aprovação: ____/____/_____

Conceito:

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Augusto César Pinto Figueiredo
Orientador - UFPA/ NABE

Prof. Dr. Itamar Zuqueto Serra Neto
Examinador interno - UFPA/CALT

Prof^ª. Esp^ª. Ana Paula Souza
Examinadora interna – UFPA/CALT

Prof. Esp. Alex Cunha
Examinador externo – SEDUC-PA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará

Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

L177u Lago, Maísa Barros do.

O uso do narrador não confiável para a construção do suspense e terror na obra “O Coração Denunciador” / Maísa Barros do Lago. — 2025.
24 f.

Orientador(a): Prof. Dr. Augusto César Pinto Figueiredo
Trabalho de Conclusão (Graduação) - Universidade Federal do
Pará, Campus Universitário de Altamira, Faculdade de Letras -
Língua Portuguesa, Altamira, 2025.

1. Edgar Allan Poe. 2. Wayne C. Booth. 3. Narrador não confiável. 4. Suspense. 5. Terror. I. Título.

CDD 813

RESUMO

Este artigo, com base no estudo feito por Wayne C. Booth no livro “A retórica da ficção”, analisa a importância do narrador não confiável para a construção do suspense e do terror na obra “O Coração Denunciador”, de Edgar Allan Poe. A pesquisa evidencia como a escolha do foco narrativo não apenas direciona a percepção do leitor, mas também intensifica a atmosfera de dúvida e tensão, elementos centrais para a criação do terror. Os resultados demonstram que a manipulação da voz narrativa usada por Poe é fundamental para estabelecer a sensação de instabilidade e medo, comprovando a relevância do narrador não confiável na construção literária do suspense na obra.

Palavras-chave: Edgar Allan Poe; Wayne C. Booth; narrador não confiável; suspense; terror.

ABSTRACT

This article, based on Wayne C. Booth's study in *The Rhetoric of Fiction*, analyzes the importance of the unreliable narrator in constructing suspense and terror in Edgar Allan Poe's "The Tell-Tale Heart". The research shows how the choice of narrative perspective not only guides the reader's perception but also intensifies the atmosphere of doubt and tension, elements that are central to the creation of horror. The findings demonstrate that Poe's manipulation of the narrative voice is crucial to establishing a sense of instability and fear, thereby confirming the relevance of the unreliable narrator in the literary construction of suspense in the work.

Keywords: Edgar Allan Poe; Wayne C. Booth; Unreliable Narrator; suspense; terror.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	6
2	CONCEITO DE FOCO NARRATIVO E NARRADOR NÃO CONFIÁVEL.	8
3	O NARRADOR NÃO CONFIÁVEL NA OBRA “O CORAÇÃO DENUNCIADOR”	17
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
	REFERÊNCIAS.....	23

1 INTRODUÇÃO

Desde os primeiros anos da graduação, me vi com enorme fascínio pela literatura e suas diversas vertentes, em particular pela literatura de terror. A leitura de obras desse gênero sempre despertou minha atenção, especialmente pelas obras de Edgar Allan Poe, cuja escrita instigante, sombria e intensa provocou-me uma vivência emocional singular. Essa experiência me fez refletir sobre as ferramentas narrativas utilizadas pelo autor, que influenciam efetivamente a forma como a leitura é recebida pelo leitor e a criação do medo que envolve as suas obras. Dessa forma, essa pesquisa foi realizada a partir da curiosidade/desejo de explorar como as escolhas narrativas, especialmente o foco narrativo, influenciam a criação da atmosfera de suspense e provocam respostas emocionais marcantes.

Esse trabalho teve por objetivo analisar como o foco narrativo contribui para a construção do terror e do suspense na obra “O Coração Denunciador”, de Edgar Allan Poe. Para atingir esse objetivo, procurou-se analisar a conexão entre a escolha do foco narrativo e a construção do gênero terror, além de examinar como o narrador influencia a percepção do leitor sobre os eventos narrados. Adicionalmente, buscou-se identificar as estratégias narrativas utilizadas pelo autor para aprofundar a discussão sobre o papel da narrativa na supracitada obra.

Nesse contexto, para atingir os objetivos propostos pela pesquisa e responder às questões sobre o que é foco narrativo e qual a sua finalidade, utilizou-se como referencial teórico a obra *O ponto de vista na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico*, de Friedman (2002), na qual o autor classifica os diferentes tipos de foco narrativo. Também se utilizou o teórico Wayne C. Booth (1983), sobre o uso do narrador não confiável, termo discutido na obra *Retórica da ficção*.

A presente pesquisa enquadra-se no campo da pesquisa qualitativa, de natureza bibliográfica e com abordagem analítico-interpretativa, uma vez que se fundamenta na leitura, seleção e análise de obras teóricas e literárias. Conforme Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa valoriza a compreensão e interpretação dos significados e das construções simbólicas em detrimento da quantificação, sendo especialmente utilizada quando se busca interpretar fenômenos culturais, sociais e artísticos. Nesse sentido, a escolha metodológica justifica-se pela necessidade de articular conceitos narratológicos e críticos, como os de foco narrativo e narrador não confiável, à análise do conto “O Coração Denunciador” de Edgar Allan Poe, de modo a evidenciar como tais categorias contribuem para a construção do suspense e do terror.

O estudo está dividido em dois capítulos, os quais buscam contextualizar e analisar a importância do narrador não confiável para a construção do terror em “O coração denunciador”. Na seção 1, intitulada “Conceito de foco narrativo e narrador não confiável”, discutiu-se o conceito de foco narrativo e como ele funciona dentro da literatura de terror, com destaque na utilização do narrador não confiável. Além disso, foram apresentadas as principais obras de Poe, suas principais características narrativas, o estilo literário do autor, além de demonstrar como as ferramentas utilizadas por ele são referência para autores posteriores.

Já a seção 2, intitulada “O narrador não confiável presente em *O coração denunciador*”, trata-se da análise detalhada da obra “O coração denunciador”, com a finalidade de discutir cada trecho do conto, destacando como o foco narrativo contribui para a criação da atmosfera de medo e horror presente no texto, além de mostrar a relação do narrador, narrativa e leitor. Desse modo, o capítulo também aborda como a escolha da voz narrativa presente na obra, ao apresentar parcialidade e a falta de confiabilidade, causa insegurança no leitor, e assim faz com que ele questione a veracidade dos fatos, criando um cenário de dúvidas favorável para a construção do suspense.

2 CONCEITO DE FOCO NARRATIVO E NARRADOR NÃO CONFIÁVEL

É sabido que a escolha do narrador afeta diretamente a forma como o leitor absorve as informações lidas e a maneira como ele se envolve com a leitura (Friedman, 2002). Dessa forma, é necessário entender os diversos tipos de pontos de vista presentes dentro de um mesmo texto. Segundo Friedman (2002), esse processo é importante para o estudo do foco narrativo, pois aborda como o uso dos diferentes elementos narrativos ajuda a aprimorar a compreensão dos textos, bem como influencia a recepção da leitura.

Os tipos de narradores normalmente são divididos de forma simplificada e comum: primeira e terceira pessoa. Entretanto, Friedman (2002), em sua obra *O ponto de vista na ficção*, defende a tipologia narrativa baseada na intensidade de envolvimento do narrador dentro da história e no grau de conhecimento que ele tem das informações do enredo, expandindo as classificações normais (como primeira e terceira pessoa). Para Friedman (2002), os tipos de narradores são divididos em:

a) Narrador onisciente intruso: é aquele que escreve de forma livre, muitas vezes se colocando acima de tudo. Possui conhecimento geral sobre os personagens e a história por completo, da mesma forma que expressa opiniões e críticas;

b) Narrador onisciente neutro: narra em terceira pessoa, e mesmo que a sua existência seja evidente e que ele conheça a história por completo e os personagens, ele não intervém na narrativa, e não tem a intenção de influenciar o leitor;

c) Narrador onisciente seletivo: é aquele que conhece apenas a perspectiva de um ou de poucos personagens, adotando geralmente um único ponto de vista, relatando a visão da personagem central;

d) Narrador onisciente seletivo múltiplo: nesse ponto, a história é narrada diretamente dos pensamentos dos personagens, como se não existisse um único narrador, mas vários ao mesmo tempo;

e) Narrador em câmera: este narra sem acessar o pensamento das personagens, apenas retrata o que acontece, como as ações e os diálogos, captando o momento, como uma câmera cinematográfica;

f) Narrador dramático: o narrador deixa a obra ter voz própria e falar por si, sem apresentar descrições e intervenções, como em atos teatrais, em que as personagens são donas da própria história;

g) Narrador testemunha: este participa da história como personagem secundário e narra a partir da própria perspectiva, apoiando-se sempre na noção de estar narrando sob o testemunho de alguém para dar veracidade aos fatos narrados;

h) Por fim, o narrador em primeira pessoa subjetiva: objeto de estudo do presente trabalho, esse modelo de narrador está presente quando ele é o protagonista e narra a sua história, limitando-se sempre à própria perspectiva.

Desse modo, percebe-se como o narrador é usado para construir uma história, e como o uso do narrador em primeira pessoa tem a intenção de aproximar o leitor da intimidade do personagem que narra através de uma visão parcial e emocional. Essa característica torna esse tipo de narrador interessante para obras literárias, pois eles tornam-se complexos, o que causa curiosidade. Com isso em mente, torna-se possível analisar o uso dessa estratégia em algumas obras.

É possível notar essa característica na obra *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1940), em que o narrador, já morto, conta a história da sua vida, tecendo comentários irônicos do mesmo modo que dialoga com o leitor. Torna-se evidente essa característica no trecho:

Morri de uma pneumonia; mas se lhe disser que foi menos a pneumonia, do que uma ideia grandiosa e útil, a causa da minha morte, é possível que o leitor não me creia, e todavia é verdade. Vou expor-lhe sumariamente o caso, julgue-o por si mesmo (Assis, 1940, p. 14).

Nesse trecho, percebe-se de forma clara o uso da primeira pessoa, pois o personagem reflete sobre a própria morte, de forma descomplicada e quase que indiferente, do mesmo modo que ironiza a causa dela, dando a entender que pode haver outro motivo, além do físico, para ele ter falecido, causando curiosidade no leitor e instigando-o a ler mais.

O uso de narradores em primeira pessoa é muito recorrente nas obras de Machado de Assis, trazendo por muitas vezes certa ambiguidade para a obra, fazendo com que o leitor seja convidado a refletir e assim, escolher acreditar ou não no narrador, como em *Dom Casmurro* (2019). A obra é narrada pela voz do personagem principal, o Bentinho, que, já idoso, decide contar a história da sua vida, desde sua infância, dando ênfase para a sua relação de amor com Capitu. Esse amor já nos é apresentado logo nos primeiros capítulos da obra, em que o personagem descobre e aceita o que sente:

Eu amava Capitu! Capitu amava-me! E as minhas pernas andavam, desandavam, estacavam, trêmulas e crentes de abarcar o mundo. Esse primeiro palpitar da seiva, essa revelação da consciência a si própria, nunca mais me esqueceu, nem achei que lhe fosse comparável qualquer outra sensação da mesma espécie. Naturalmente por ser minha. Naturalmente também por ser a primeira (Assis, 2019, p. 29).

Nesse momento, o narrador já encoraja o leitor a vivenciar com ele o amor que sente por Capitu, um sentimento que surge de forma intensa e avassaladora, e que pouco a pouco será apresentado quase como uma devoção a um ser que beira a inexistência segundo o seu olhar. Dessa forma, Bentinho consegue, a partir desse momento, ganhar a simpatia do leitor, que passa a querer acompanhar a história dos dois e, mais que isso, torce pela união deles.

Porém, conforme o personagem narra a história do seu relacionamento, ele deixa evidente os seus medos, inseguranças, ciúmes e paranoias, que vão se intensificando cada vez mais, algo que é evidenciado na seguinte passagem:

Cheguei a ter ciúmes de tudo e de todos. Um vizinho, um par de valsa, qualquer homem, moço ou maduro, me enchia de terror ou desconfiança. É certo que Capitu gostava de ser vista, e o meio mais próprio a tal fim (disse-me uma senhora, um dia) é ver também, e não há ver sem mostrar que se vê (Assis, 2019, p. 162).

Nesse ponto da narrativa, o público já está familiarizado com toda a desconfiança que rodeia Bentinho, algo que piora cada vez mais depois do nascimento de Ezequiel, filho do casal, pois o personagem percebe semelhanças entre o filho e seu melhor amigo, Escobar. A história se desenrola de maneira que o interlocutor precisa tomar uma decisão, se acredita nas desconfianças do narrador, ou se acredita na fidelidade de Capitu, já que não é possível ler a versão dela dos fatos. Logo, a personagem não teve direito de defesa.

Nesse contexto, nota-se como o foco narrativo é imprescindível para influenciar a percepção do leitor sobre a narrativa, e como a confiabilidade do narrador, ou a falta dela, desempenha um papel de importância equivalente na experiência literária. No livro, *A Retórica da Ficção*, Booth (1983) discute técnicas centrais para a construção de uma narrativa, que não apenas influenciam a estrutura do texto, mas também determinam o nível de envolvimento do leitor, afetando profundamente a experiência literária, alternando de acordo com o objetivo do autor e o efeito desejado na obra.

Booth (1983) argumenta, em sua obra, que o narrador tem um grande papel na forma como o público interpreta uma narrativa. Além de ser mediador da história, ele também serve como um “agente persuasivo”, pois pode influenciar a forma como os acontecimentos são vistos, manipulando como o leitor se sente sobre os personagens e suas ações. A partir da escolha de quais informações são evidenciadas e quais são omitidas e de como os fatos são

narrados, o narrador consegue criar uma sensação de confiança ou dúvida, recebendo a empatia ou o julgamento moral do leitor.

Embora o termo “narrador não confiável” tenha sido popularizado por Booth (1983), muitos autores posteriores decidiram abordar o assunto também, com o intuito de adicionar reflexões acima do termo. Na obra “A arte da ficção”, Lodge (2009) discorre sobre a temática, afirmando que os narradores não confiáveis precisam fazer parte da história e estar vivenciando aquilo que é contado, não podendo ser uma figura à parte na obra, pois o que caracteriza a não confiabilidade é a narração da história por meio de uma perspectiva parcial, que causa confusão no leitor.

No entanto, o autor também afirma que, ainda assim, o narrador personagem não pode ser cem por cento não confiável, pois, de alguma forma, sempre haverá um pouco de verdade no que se fala, ou a crença nisso. Se a escolha narrativa segue um padrão completamente mentiroso, não haveria mistério ou suspense sobre o que acontece, já que a falsidade em cada gesto faria com que o leitor não mergulhasse na obra, enxergando-a como uma simples ficção, e a mentira exagerada não seguraria a atenção do público.

Desse modo, percebe-se a natureza complexa dessa escolha narrativa, uma vez que é necessário focar não só no papel ativo do narrador na manipulação da percepção do leitor, mas também nas estratégias técnicas utilizadas pelos autores para construir as camadas de ambiguidade desses narradores. O narrador não confiável não é necessariamente alguém que distorce a realidade de forma excessiva, mas sim alguém com limitações ou parcialidade, fazendo isso de forma consciente ou não. O narrador não confiável pode ser uma forma de evidenciar as brechas entre o que é real e o que parece ser, e como isso pode ser usado do ponto de vista estrutural para criar tensões dentro da história.

O uso dessas estratégias não é acidental, elas são pensadas de maneira minuciosa para construir o clima desejado. Todorov (2006, p. 31) afirma que: “Todo elemento presente numa obra traz uma significação que pode ser interpretada segundo o código literário”. Isso indica que todo elemento presente na obra possui um propósito particular, principalmente em relação à escolha do narrador, que desempenha papel fundamental na construção narrativa.

A partir dessa compreensão da abordagem narrativa e do narrador não confiável, é possível analisar como essa técnica se manifesta na literatura de terror, explorando a forma como o foco narrativo contribui para a construção do suspense e da tensão. Ao longo deste trabalho, essa relação foi aprofundada, demonstrando como a escolha do narrador e as limitações dele influenciam a percepção do medo e da incerteza no leitor.

O narrador em primeira pessoa/não confiável é uma ferramenta bastante usada em muitas obras da literatura de terror, pois consegue potencializar a incerteza, desconfiança, tensão e medo. Ele é um tipo de narrador que relata o que acontece a partir de seu próprio ponto de vista, mas cuja credibilidade é comprometida por fatores como insanidade, parcialidade, incompreensão ou até a mentira intencional. A combinação desse tipo de narrador com o gênero do terror é extremamente efetiva, pois confunde o leitor e o coloca em uma posição de dúvida constante sobre o que é real ou não.

Conforme já discutido, Booth (1983) foi quem propagou o termo “narrador não confiável” em sua obra *A retórica da ficção*, mas para entender melhor esse tipo de narrador, principalmente o seu uso dentro da literatura de terror, é necessário entender outro conceito apresentado por Booth (1983): o autor implícito. Esse termo é utilizado para caracterizar uma figura que é projetada pela obra com o único objetivo de indicar ao leitor, de forma sutil, como o narrador e os eventos devem ser interpretados, ou seja, esse autor “invisível” dá dicas de que o narrador apresenta incoerência e inconsistência no que está falando.

Nesse contexto, o autor implícito estrutura a voz narrativa e funciona como uma construção do próprio leitor; é a forma que ele visualiza o autor real da obra e julga moralmente os acontecimentos e a escolha narrativa. Essa concepção é importante, pois é ela que evidencia a existência de um narrador não confiável, principalmente dentro da literatura de terror, pois cria uma tensão entre o narrador e o leitor, que percebe que não pode confiar integralmente no que está sendo contado, e a partir desse ponto passa a interagir de forma efetiva com a obra.

As estratégias narrativas, estabelecidas por um narrador não confiável, e diálogos implícitos com o leitor dentro da literatura de terror são amplamente explorados por diversos autores da literatura de terror, em especial Edgar Allan Poe, conhecido por utilizar essas ferramentas com maestria ao longo de sua carreira literária. Elas compõem a base de muitas de suas obras, da mesma forma que servem para aprofundar dilemas como a fragilidade humana, sanidade versus loucura, o que é real e irreal e, com isso, desafiam o leitor a tornar-se ativo na leitura.

No entanto, para compreender o uso dessas técnicas por Edgar Allan Poe, faz-se necessário, antes, ainda que brevemente, olhar para sua trajetória de vida. Poe teve uma vida cercada de intrigas e mistérios, o que fez com que muitos autores posteriores resolvessem estudar e escrever sobre a sua vida, relações amorosas, processo criativo e obras. Segundo a análise de Perna e Laitano (2009), a vida de Poe sempre foi muito conturbada e cheia de conflitos, a estabilidade não fazia parte da sua história.

Ainda conforme o artigo de Perna e Laitano (2009), Poe nasceu em Boston em 1809, filho de David e Elizabeth. Edgar Poe, logo no início de sua vida, enfrenta a sua primeira tragédia: a perda de seu pai. Dois anos depois, perde a sua mãe, e ele e seus dois irmãos ficam sob o cuidado do grupo de teatro do qual seus pais faziam parte. Anos mais tarde, Poe é adotado por John e Frances Allan e, a partir desse ponto, recebe o nome que o acompanharia pelo resto da vida, tornando-se então: Edgar Allan Poe.

O artigo também destaca que, no decorrer da vida, o autor passou por muitas tragédias e fracassos, acumulando dívidas e tentativas falhas de sucesso com seus textos, o que o levou a se entregar ao álcool, algo que se agravou quando ele perdeu sua esposa e prima, Virgínia Clemm. Dessa forma, é possível observar como a vida de Poe é marcada por um tom sombrio e tenso, o que acabou influenciando as suas obras.

Nesse contexto, ainda bibliográfico, uma autora que também se destaca é Rozsas (2013), uma cientista e romancista paulistana que escreveu a obra “Edgar Allan Poe: O mago do terror”. A obra, ainda que um romance biográfico, evidencia elementos importantes da vida de Edgar Allan Poe, e mesmo assumindo certa liberdade ficcional e poética, o livro se baseia em fatos reais e documentados e contribui para a compreensão do contexto psicológico, emocional e existencial do autor. Por isso, faz-se pertinente sua citação no presente estudo.

A autora apresenta na obra outras visões que o leitor pode ter sobre Poe, não apenas como escritor, mas como uma figura complexa e ambígua, com várias versões e vulnerabilidades. Ela destaca que existem diversos motivos para se ler o autor, apresentando-o como alguém que ultrapassa os limites do gênero do terror: “Esteta, crítico, mordaz, ensaísta, excêntrico, criador do gênero policial, pioneiro da ficção científica, mestre do suspense e do terror” (Rozsas, 2013, p. 249).

Essa versatilidade na escrita de Poe, evidenciada ao longo de sua jornada, contribuiu para que ele deixasse uma marca na literatura mundial. Sua influência atravessou gerações, sendo reconhecida por autores dos mais diversos estilos e origens. A própria Rozsas sintetiza essa influência de forma indiscutível ao afirmar:

Na literatura, então, a lista é interminável. Poe deixou imensa filiação literária. Tido por H. P. Lovecraft como seu “deus da ficção”, exerceu influência sobre grandes nomes, como Proust, Dostoiévski, Mallarmé, Paul Valéry, Kafka, Cortázar, Joseph Conrad, Henry James, Faulkner, Vladimir Nabokov, entre muitos outros. Sem esquecer, é claro, o famosíssimo Stephen King, lídimo representante de Poe nos dias atuais, além de toda a coorte de vampiros e outros terrores que habitam a lista dos livros mais vendidos (Rozsas, 2013, p. 249).

Esse reconhecimento prova não só o talento incontestável de Poe, mas também a profundidade de suas obras, o seu valor intelectual, que não se limita apenas ao gênero de terror, mas que influencia muitos outros. Essa observação é importante para entender a magnitude poética e narrativa de Edgar Allan Poe que, mesmo sendo reverenciado dentro da literatura de terror, ainda assim conseguia explorar a multiplicidade dos gêneros literários. Compreender esses aspectos da vida de Poe, portanto, não serve apenas como fatos curiosos sobre sua vida, mas como ferramenta para compreender os elementos narrativos que ele tão habilidosamente desenvolveu em suas obras, especialmente o uso do narrador não confiável.

Ao abordar o uso do narrador não confiável nas obras de Edgar Allan Poe, é necessário, também, compreender como essa estratégia narrativa contribui para a influência exercida sobre autores posteriores que, assim como Poe, utilizaram a progressão do suspense e do horror em seus contos. Um grande exemplo é o autor HP Lovecraft, cujas obras demonstram influências claras do legado de Poe.

No conto *Dagon* (2017), Lovecraft narra uma história que ocorre durante a guerra e apresenta um pescador que, ao realizar o seu trabalho, acaba sendo capturado por forças alemãs e mantido como prisioneiro. Porém, em um momento de descuido dos captores, consegue roubar um barco e fugir, e, a partir desse ponto, o leitor passa a conhecer os horrores vividos ou não por esse pescador.

Logo no início do conto, o narrador/personagem já deixa claro que há um ar sombrio e tenso no que ele está prestes a contar, ao afirmar que: “Escrevo isto sob uma pressão mental considerável, já que, à noite, não mais existirei” (Lovecraft, 2017, p. 21). Dessa forma, ele consegue instigar o leitor, que fica curioso para descobrir que situação tão horrível essa personagem passou a ponto de querer tirar a própria vida.

No decorrer da história, acompanhamos um homem lutando pela própria vida, sem saber com exatidão onde está e para onde está indo, torcendo para ser encontrado por alguém que possa salvá-lo, o que parece cada vez mais difícil com o sol escaldante que o alcança e o deixa cada vez mais frágil e suscetível a pensamentos alucinantes ou paranoicos. Em determinado momento, o homem acaba dormindo e quando acorda está em terras jamais vistas antes, um local escuro e lamacento, deixando-o horrorizado, sem entender o que havia acontecido e como ele tinha parado ali.

É possível que isso fosse apenas um sonho? Uma alucinação causada pelo medo e calor exaustivo que a personagem estava encarando ao fugir dos seus captores? O que garante ao leitor que essa narrativa é verdadeira? Essas dúvidas se tornam crescentes ao desenrolar da

história, principalmente quando, ao decidir explorar essa tal terra desconhecida, a personagem acaba encontrando uma espécie de monstro, momento que é evidenciado no trecho a seguir:

Tão vasto quanto Polifemo e horrendo, ele dardejou, como um estupendo monstro de pesadelos, contra o monólito, sobre o qual lançou seus gigantescos braços escamosos, enquanto curvava a cabeça hedionda e dava vazão a certos sons compassados. Naquele momento, pensei ter ficado louco (Lovecraft, 2017, p. 26).

Nesse momento, a própria personagem demonstra que passou pela sua cabeça estar enlouquecendo, e, após esse momento de horror, ela decide pegar o barco e fugir para qualquer outro lugar que fosse o mais longe possível daquele monstro. Ao conseguir fugir, na adrenalina do momento, não se recorda de muita coisa, mas acorda no hospital tentando falar sobre o que havia acontecido, mas ninguém consegue entender e então ela desiste, pois sabe que ninguém seria capaz de acreditar no que havia acontecido com ela.

Nesse momento, há um trecho que intensifica a dúvida sobre o que foi vivido por esse homem quando ele mesmo tenta racionalizar a situação, ao dizer que:

Frequentemente me pergunto se tudo não poderia ter sido um puro fantasma - um simples arrepio febril enquanto eu jazia delirante e em insolação no bote aberto após minha fuga do navio de guerra alemão. É o que me pergunto, mas sempre vem a mim uma visão hediondamente vívida (Lovecraft, 2017, p. 27).

Dessa forma, o leitor começa a entender que talvez tudo o que havia sido narrado até esse ponto podia não ter acontecido de fato, e sido obra de delírios causados pelo medo e horror vividos tanto no período de cárcere quanto na fuga. Porém, antes mesmo que o leitor possa ter certeza dessas ideias, o conto finaliza com as seguintes palavras da personagem: “O fim está próximo. Ouço um barulho à porta, como se um enorme corpo escorregadio investisse contra ela. Ele não pode me encontrar. Deus, aquela mão! A janela! A janela!” (Lovecraft, 2017, p. 27).

Esse final é fundamental para o fechamento da ideia do que é o narrador não confiável e o que ele representa, essa mistura de sentimentos ao ler, a dúvida entre a certeza do que é real ou não, a criação do mistério, do suspense e da tensão. Tudo que aconteceu era um delírio ou foi tudo real e naquele momento o monstro estava ali para buscar o pescador? Essas dúvidas só podem ser sanadas pelo próprio leitor, que escolhe no que quer acreditar.

Esse desequilíbrio encontrado no conto reforça a noção da não confiabilidade, discutida por Booth (1983) no livro *A retórica da ficção*, que define que o narrador não confiável é aquele cuja visão ou percepção dos acontecimentos não pode ser aceita com facilidade pelo leitor. De mesmo modo, é possível perceber no conto a presença de uma

“consciência organizadora” que está por trás da história, o autor implícito, escolhendo o que mostrar e como mostrar.

O autor implícito, diante disso, atua como uma consciência que sabe o efeito que deseja provocar no leitor: uma sensação de desconforto profundo, de que há algo maior do que se sabe, algo desconhecido que está além da compreensão humana, ainda que o narrador seja incapaz de entender totalmente o que viu.

Dessa forma, nota-se como o narrador não confiável e o autor implícito andam lado a lado, conduzindo o leitor cuidadosamente pela história, fazendo com que ele, aos poucos, entre em um estado de dúvida e angústia. Ele adapta a narrativa de forma que a fragilidade emocional do narrador se torne parte da própria criação do terror.

Essas técnicas apresentadas por Booth (1983) e utilizadas por Lovecraft (2017) são facilmente identificadas nas obras de Edgar Allan Poe, pois, através dessas ferramentas, ele faz com que o leitor mergulhe na obra e permita ser guiado por um ambiente de instabilidade e desconfiança, mas também o obriga a adotar uma postura crítica perante a narrativa que foi apresentada. Mais do que receber o conteúdo de forma passiva, faz-se necessário que o leitor se envolva ativamente com a leitura, exercendo sua capacidade de interpretação, análise e construção de sentido.

Após discorrer sobre os principais conceitos teóricos ligados ao foco narrativo e, principalmente, à ideia de narrador não confiável, torna-se possível compreender com maior clareza as ferramentas literárias que auxiliam para a construção de sentido em obras de forte carga psicológica e emocional. Embora tenha sido brevemente mencionado o conto *Dagon* de H.P. Lovecraft, o foco deste capítulo foi esclarecer os elementos de análise que serão essenciais para a próxima fase da pesquisa. Assim, na seção seguinte, foi feita uma análise detalhada da obra “O coração denunciador”, de Edgar Allan Poe, buscando evidenciar de que maneira o uso do narrador não confiável opera na construção do suspense e do terror no conto.

3 O NARRADOR NÃO CONFIÁVEL NA OBRA “O CORAÇÃO DENUNCIADOR”

Conforme discutido na seção anterior, Edgar Allan Poe é figura central quando o assunto é literatura de terror, vangloriado por sua escrita sombria e misteriosa, histórias que cativam e pelo uso recorrente de narradores não confiáveis. No conto “O Coração denunciador”, publicado nos Estados Unidos em 1843, o autor apresenta a história de um homem que tenta provar a sua sanidade, mesmo após cometer um crime brutal, buscando justificar suas ações de modo que prove não estar louco. A análise a seguir teve como objetivo interpretar os principais aspectos do conto, como o uso do narrador em primeira pessoa, a falta de confiabilidade dele, o autor implícito e o papel dele na criação do suspense e terror na obra.

Nessa história, as personagens não possuem nome, apenas são caracterizadas pelo “eu”, o narrador-personagem e “o velho”, aquele que sofrera o crime. Escolher não nomear as personagens da narrativa pode ser considerada a primeira ferramenta utilizada por Poe para captar a atenção do leitor, permitindo que ele questione a si mesmo sobre quem são as pessoas envolvidas, e se em algum momento ele irá descobrir, ao mesmo tempo que apresenta a primeira dúvida sobre a sanidade de quem narra. Seria possível esse homem estar tão instável a ponto de perder a própria identidade, ou ele apenas não quis ser identificado? Esses são possíveis questionamentos já presentes desde o início da leitura.

A narrativa inicia a partir do relato dessa personagem desconhecida, um homem que, através do medo e nervosismo, decide relatar os motivos que o levaram a cometer o assassinato do idoso que estava sob seus cuidados.

É impossível dizer como a idéia entrou primeiro no meu cérebro; mas, uma vez concebida, perseguia-me dia e noite. Objeto, não havia nenhum. Paixão, não havia nenhuma. Eu amava o velho. Ele nunca me fizera mal. Ele nunca me insultara. Pelo ouro dele eu não nutria desejo. Penso que foi o olho dele! Sim, foi isso! Tinha o olho de um abutre – um olho azul-pálido recoberto por uma película. Sempre que pousava sobre mim, meu sangue congelava; e assim, por etapas – muito gradualmente –, decidi tirar a vida do velho e, dessa forma, livrar-me do olho para sempre (Poe, 2004, p. 245).

Nesse primeiro momento, percebe-se que o narrador inicia declarando a ausência de um motivo racional para o assassinato, já que ele afirma amar o velho, e diz que este nunca lhe fez mal, e, além disso, não havia interesse financeiro para cometer tal crime. A única justificativa que sobra é completamente relativa: o “olho de abutre” que provoca nele repulsa e um medo inexplicável. Essa motivação irracional já planta a dúvida no leitor: estamos diante

de um relato crível e objetivo ou de uma mente perturbada que reorganiza os fatos para justificar seus feitos?

Do ponto de vista de Booth (1983), no conceito de narrador não confiável, há um afastamento entre o “narrador” e o “autor implícito”, ou seja, o narrador apresenta uma visão de mundo ou uma narrativa que não é transmitida pela instância autoral. No caso deste conto, Poe constrói um narrador cuja sanidade é questionável desde o primeiro momento. Essa diferença entre o que o narrador acredita (que seu raciocínio é lógico, e que sua crença é real) e o que o leitor percebe (que é ilógico e ele está possivelmente insano) é onde surge a ironia que, segundo Booth, no livro *A rhetoric of irony* (1974), se dá no momento em que o leitor percebe que o sentido literal das palavras não coincide com a intenção comunicativa do autor, obrigando-o a reconstruir um significado subjacente.

Esse primeiro trecho, portanto, é essencial para mostrar como Poe usa a voz do narrador para provocar uma tensão cognitiva no leitor. É possível acreditar que o narrador acredita no que diz, mas ao mesmo tempo é perceptível que há algo errado. Essa incongruência é fundamental para provocar na literatura desconforto e reflexão, pois força o leitor a assumir uma postura ativa, desconfiando da narrativa em vez de apenas aceitá-la.

Ao avançar na narrativa, percebe-se que o narrador detalha o planejamento cauteloso do assassinato, enfatizando sua suposta esperteza, racionalidade e cuidado para não ser descoberto:

Mas você devia ter me visto. Você devia ter visto a sabedoria com que agi, com que cautela, com que antecipação, como me entreguei ao trabalho, dissimulado! Eu nunca fora mais gentil com o velho do que durante a semana que antecedeu à minha perpetração do assassinato. E toda noite, por volta da meia-noite, eu girava a fechadura da porta dele e a abria – oh, com tanta delicadeza! E então, quando havia aberto o suficiente para a passagem da minha cabeça, eu introduzia uma lanterna escura, coberta, toda coberta para que nenhuma luz passasse, e fazia entrar a minha cabeça. Oh, você riria de ver a astúcia com que a fazia entrar! Eu a movia devagar – muito, muito devagar, para não perturbar o sono do velho (Poe, 2004, p. 246).

Aqui, Poe amplia o efeito de suspense, pois mesmo enquanto o narrador descreve suas ações com aparente lógica, o leitor percebe a loucura implícita e a insanidade velada. Booth (1983) aponta que essa divergência entre a visão distorcida do narrador e a interpretação do leitor é o núcleo do narrador não confiável, pois cria tensão narrativa e mantém quem lê constantemente questionando a validade do que é relatado. A instância do autor implícito, portanto, organiza esses detalhes de modo que provoque estranhamento e apreensão, sem intervir diretamente na narrativa.

A atmosfera de terror é reforçada pelas percepções sensoriais exageradas do narrador, como a visão do olho do velho e os ruídos percebidos durante a vigília:

Ele estava aberto – bem, bem aberto –, e fiquei furioso ao fixá-lo. Eu o vi com perfeita clareza – todo ele um azul-pálido coberto por um véu horrendo que enregelou a própria medula em meus ossos; [...] E eu não lhe disse que você confunde a loucura com um simples aguçamento dos sentidos? Bem, sim, chegou aos meus ouvidos um som baixo, abafado, ligeiro, como o de um relógio envolvido em algodão. Também aquele som eu conhecia bem. Eram as batidas do coração do velho. Elas aumentaram a minha fúria, como a batida de um tambor que estimula um soldado a ter coragem (Poe, 2004, p. 247).

Segundo Punter (1996), no livro *The literature of terror*, o efeito do sobrenatural ou do medo muitas vezes é intensificado pelo ponto de vista instável, que impede o leitor de distinguir entre realidade objetiva e delírio subjetivo. Nesse sentido, Poe manipula a percepção de tempo e espaço, descrevendo cada som e sombra de forma que cada detalhe aparente banal se transforma em fonte de tensão, antecipando o clímax do crime. A incerteza criada pelo narrador não confiável cumpre aqui a função de manter o leitor em estado de alerta, justamente pela impossibilidade de confiar plenamente em suas observações.

Um outro aspecto relevante é a construção do clímax emocional, quando o narrador mata o velho e descreve a remoção do corpo:

Aos poucos, parou. O velho estava morto. Retirei a cama e examinei o cadáver. Sim, ele estava como pedra, morto como pedra. Pus a mão sobre o coração e a deixei ali por alguns minutos. Não havia pulsação. Ele estava morto como pedra. O olho dele não ia me perturbar mais (Poe, 2004, p. 248).

O uso de termos como “morto como uma pedra” reforça a obsessão do narrador e sua tentativa de se convencer da eficácia de seu ato, ao mesmo tempo em que transmite ao leitor o desconforto da situação. A descrição detalhada do toque sobre o coração do velho cria uma sensação de proximidade, fazendo com que o leitor compartilhe, de forma inquietante, a experiência do narrador. Essa atenção aos detalhes físicos e sensoriais, combinada à lógica distorcida da mente da personagem, transforma um ato criminoso em um momento de suspense intenso, mantendo a atenção do leitor e aprofundando o impacto dramático da narrativa.

Todorov (1975), em sua obra *Introdução à literatura fantástica*, destaca que o elemento de hesitação entre uma explicação racional e uma sobrenatural é central para a criação do efeito do fantástico. No caso de Poe, embora não haja sobrenatural explícito, o efeito de dúvida e estranheza é parecido: o leitor é forçado a hesitar entre aceitar o relato como verdadeiro ou reconhecê-lo como fruto de uma mente perturbada. Assim, o terror é

construído não apenas pelo ato físico, mas pelo desconforto psicológico provocado pela inconsistência da narrativa e pela consciência do leitor da insanidade do narrador.

Por fim, a narrativa do conto “O coração denunciador” evidencia a função do narrador não confiável na progressão da tensão até o desfecho, quando a paranoia do protagonista culmina no delírio e na confissão final. Dessa maneira, a construção cuidadosa da instabilidade do narrador não apenas intensifica o suspense, mas também prepara o terreno para a análise do clímax emocional, quando a ação concreta do protagonista finalmente manifesta as consequências de sua mente perturbada.

A ironia gerada pela diferença entre o que o narrador percebe e o que o autor implícito deseja comunicar é essencial para criar engajamento crítico do leitor. Essa ferramenta, no contexto do terror, se traduz em medo e desconforto, pois o leitor percebe a instabilidade do narrador e se antecipa aos desdobramentos de sua loucura. Dessa forma, pode-se observar que a incerteza e a tensão geradas por narradores instáveis são estratégias centrais para provocar medo psicológico, diferindo do horror físico direto, e Poe utiliza esse mecanismo de forma magistral.

Após o assassinato, o narrador passa a detalhar cada momento da ocultação do corpo e sua aparente tranquilidade. Essa descrição, carregada de obsessão, cria um efeito paradoxal: a narrativa é calma, mas o leitor sente ansiedade crescente. Segundo Booth (1983), o narrador não confiável manipula a narrativa ao apresentar uma visão de mundo que diverge do que o autor implícito entende como real ou moralmente aceitável.

No caso, a tranquilidade do narrador diante do crime intensifica a tensão, pois o leitor percebe que qualquer confiança na narrativa é apenas fruto de uma ilusão; o que deveria ser horrível para uma pessoa racional é narrado como ato racional e necessário, e isso gera desconforto psicológico.

A descrição da percepção auditiva do narrador em relação ao suposto “coração batendo” do velho, mesmo este já estando morto, evidencia a instabilidade de sua mente. Punter (1996) reforça que o terror psicológico em obras góticas depende da manipulação da percepção e da consciência do leitor, e Poe explora exatamente esse mecanismo, utilizando a subjetividade perturbada do narrador para intensificar o suspense.

O embate entre a realidade objetiva e a percepção do narrador se aprofunda quando a polícia chega para investigar o crime. Nesse momento, a tensão narrativa aumenta porque o leitor já sabe o que aconteceu, mas o narrador continua a apresentar os acontecimentos como se estivesse seguro e sem culpa.

Booth (1974) observa que a ironia se manifesta nesse tipo de narrativa: o leitor percebe a discrepância entre a visão do narrador e os valores do autor implícito, criando um efeito de alerta constante. Desse modo, essa tensão não apenas mantém o suspense, mas também constrói o terror psicológico, pois a estabilidade moral e racional do narrador está comprometida.

O clímax ocorre quando o narrador finalmente não suporta mais o “coração” e confessa o crime, acreditando já ter sido descoberto. A narrativa, que até então parecia controlada e racional, implode em delírio e confissão, demonstrando a falibilidade do narrador e o poder da instância do autor implícito em conduzir o leitor à percepção de horror e culpa. Punter (1996) destaca que, no terror gótico, a tensão também surge através da instabilidade psicológica, pois o terror é emocional, e a revelação da insanidade do narrador funciona como ponto culminante do suspense.

Além disso, o conto permite observar como Poe manipula o tempo e o ritmo da narrativa para prolongar a tensão. O narrador detalha cada som e cada movimento, criando um efeito de antecipação constante. Todorov (1975) argumenta que o fantástico depende do atraso na resolução da dúvida, e, aqui, Poe mantém o leitor em constante hesitação sobre a sanidade do narrador e a realidade dos eventos.

A narrativa se torna, assim, um jogo entre o que é narrado/mostrado e o que é percebido, reforçando o efeito de suspense e terror psicológico. Booth (1983) completa ao explicar que, nesse tipo de narrativa, o leitor deve atuar ativamente, decodificando as inconsistências do narrador e reconstruindo a lógica, o que aumenta a imersão e o impacto emocional da história.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, torna-se perceptível como a análise do foco narrativo em “O coração denunciador” proporciona uma compreensão mais profunda do efeito do narrador não confiável na construção do suspense e terror. A escolha do tema, que inicialmente partiu da curiosidade sobre a relação entre narrador e percepção do leitor, se confirmou ao constatar que cada escolha narrativa influencia diretamente a experiência de leitura. Este estudo evidencia a importância da voz narrativa na literatura de terror, reforçando a relevância de análises literárias detalhadas.

A análise realizada evidenciou que o narrador não confiável não é apenas um recurso estilístico, mas uma estratégia que transforma a experiência de leitura em um processo ativo. Ao percebermos a subjetividade e as distorções apresentadas pelo narrador, somos instigados a questionar os eventos narrados, reconstruindo repetidamente o enredo em nossa mente. Essa dinâmica reforça como a literatura de terror depende profundamente da manipulação da percepção do leitor para provocar um impacto emocional.

Além disso, o estudo facilitou a compreensão de como a escolha do foco narrativo desempenha um papel fundamental no desenvolvimento do suspense na narrativa. Seguindo Friedman (2002), Booth (1983) e as análises de Punter (1996) e Todorov (1975), percebeu-se, então, que o uso da primeira pessoa traz uma proximidade relativa e uma distância crítica do leitor em combinação com o caráter não confiável do narrador. Este duplo efeito cria interesse e, em vez de a literatura de horror ser apenas uma troca de contar algo, ela se eleva ao nível de um estímulo para nos fazer pensar, perceptivamente, moralmente e cognitivamente.

Por fim, pode-se concluir que “O Coração Denunciador” é um exemplo de como a voz narrativa, quando manipulada com exatidão, se torna instrumento eficaz para a construção do suspense e terror psicológico. Poe não depende de cenas explícitas de violência ou monstros sobrenaturais; a instabilidade e a subjetividade do narrador são, por si só, mais que suficientes para criar medo, tensão e envolvimento crítico. Dessa forma, o conto afirma a importância do narrador não confiável como um dos elementos centrais na literatura de terror.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1940. 412 p. Digitalizado em: 28 dez. 1940. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Memorias_posthumas_de_Braz_Cubas/pNNUAAAAMAAJ?hl=pt-BR&gbpv=0. Acesso em: 15 jul. 2025.
- ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. 2. ed. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2019 (Série Prazer de Ler, n. 7).
- BOOTH, Wayne C. *A Rhetoric of Irony*. Chicago: University of Chicago Press, 1974.
- BOOTH, Wayne C. *A retórica da ficção*. Tradução de Maria Teresa H. Guerreiro. Lisboa: Arcádia, 1980; 1983 (Coleção Artes e Letras / Arcádia; n. 778).
- CALVINO, Ítalo Calvino. *Contos fantásticos do século XIX: o fantástico visionário e o fantástico cotidiano*. (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2004. Título original: *Racconti fantastici dell'Ottocento*. Vários autores. Vários tradutores.
- DENZIN, Norman. K; LINCOLN, Yvonna. S.; e Colaboradores. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- FRIEDMAN, Norman. O ponto de vista na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico. *Revista USP*, São Paulo, n. 53, p. 166-182, mar./maio 2002.
- LODGE, David. *A arte da ficção*. Tradução de Guilherme da Silva Braga. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- LOVECRAFT, Howard Phillips. Dagon. In: LOVECRAFT, Howard Phillips. *H. P. Lovecraft: medo clássico*. Ilustrador: Walter Pax; Tradução: Ramon Mapa da Silva. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2017.
- PERNA, Cristina Lopes; LAITANO, Paloma Esteves. O clássico Edgar Allan Poe. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 44, n. 2, p. 7-10, abr./jun. 2009.
- PUNTER, David. *The literature of terror: a history of gothic fictions from 1765 to the present day*. London: Longman, 1996.
- ROZSAS, Jeanette. *Edgar Allan Poe: o mago do terror: romance biográfico*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2013. 272 p. ISBN 978-85-60074-33-3.
- TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. Tradução de Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- TODOROV, Tzvetan. *As estruturas narrativas*. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2006 (Coleção Debates, 14).

